



**“A História de Brama”**

Por terras de Mafra todos conheciam aquele rapaz franzino, com os seus oito ou nove anos, que era sempre visto a vaguear usando um manto castanho sobre os ombros.

Ao certo, ninguém sabia a sua idade. Também ninguém sabia quem eram os pais ou a sua origem. Simplesmente tinha aparecido sozinho e montado abrigo lá para os lados do Sobreiro.

Ficou conhecido como “Brama” e vou contar-vos a sua história.

Todos os dias desde a sua chegada a Mafra, Brama circundava o muro da Tapada. Procurava um ponto, só seu, onde pudesse entrar e sair sem que fosse visto. Algo no interior daqueles muros o chamava. Sentia que lá dentro estaria o seu mundo, a sua felicidade, o sentido da sua vida.

Um dia, depois de tanto procurar, encontrou esse ponto mágico. Uma luz que o atraiu, e que, sem perceber bem como, o transportou para o interior. Diz quem viu que era num local onde o muro é bem alto, mas que Brama entrava de um só salto.

Nesse dia, já dentro da Tapada, Brama sentiu-se perdido. Não sozinho, mas perdido. Sentia que alguém o observava, alguém preocupado com ele, que o seguia. Olhou para trás várias vezes, mas não viu ninguém. Estava lá, mas onde? Mas quem?

Brama andou, andou, andou até ser invadido pelo cansaço. A noite começava a cair, a temperatura a descer. Encostou-se a uma árvore, a maior e mais bonita que encontrou. De copa larga, raízes grossas a segurá-la à Terra, mãe de todas as outras árvores em seu redor. Brama aninhou-se e sentiu a segurança que a natureza lhe dava. Adormeceu.

- Quem és tu? Que fazes aqui? - Ouviu no seu sono. Parecia real. Acordou e olhou à sua volta, assustado.

- Quem falou? Quem está aí? – A única resposta foi o assobio do vento por entre as árvores.

Brama encostou-se à árvore com muita força, protegido pelo ninho de raízes, bem escondido debaixo do seu manto castanho, com medo do desconhecido.

- Quem está aí? – perguntou novamente.

Das sombras dum sol que partia e duma lua que chegava surgiu um gamo. Jovem, curioso, com uma bela pelagem de tom castanho escuro. – Sou eu, podemos ser amigos?

Brama não queria acreditar, de queixo caído, perdeu a voz.

- Não tenhas medo de mim, sou só um gamo. Chamo-me Enki. – E tu, como te chamas?

Brama quis responder, mas teve consciência de não saber o que dizer. Nunca tinha tido necessidade de dizer o seu nome a ninguém.

- Não tenho nome. – respondeu.

- Não faz mal. Podemos ser amigos de qualquer forma. O nome não tem importância. Queres vir passear comigo? – Enki abanou a pequena cauda em grande velocidade, em sinal da alegria que havia encontrado neste novo amigo.

Brama respondeu-lhe que não podia, porque o sol estava de partida. Tinha que voltar ao seu abrigo. Não sabia voltar de noite.

Enki entendeu, apesar de triste, e Brama prometeu voltar no dia seguinte, logo ao nascer do Sol.

Foi uma noite longa. Brama teve dificuldade em adormecer enquanto tentava entender o que havia acontecido. E quando o sol o despertou, vestiu o seu manto castanho, arrumou os seus poucos haveres e pôs-se a caminho da Tapada.

Saltou o muro na sua entrada mágica e sentou-se debaixo da árvore grande. E esperou. Olhando em seu redor ansiava pela chegada de Enki. Será que ele não vem? – pensou Brama.

Até que, por detrás de um arbusto, duas pequenas orelhas empinadas anunciaram Enki, e num instante dois olhos carregados de felicidade surgiram. Enki saltou para junto do novo amigo.

- Anda, vou mostrar-te o nosso mundo. – Disse Enki afastando-se de um salto.

Brama tentou acompanhar mas o pequeno gamo corria, saltava sobre pedras, pulava troncos caídos, contornava arbustos de tojo, num elegante bailado. Brama parou para assistir e Enki voltou atrás.

- Então, não vens? Perguntou Enki.

- Não consigo acompanhar-te. Tu corres muito.

- Tens razão. Tu tens apenas duas pernas, eu quatro. Eu conheço a Tapada, tu ainda não. Mas um dia, depois de muito tentares, vais correr como eu. Todos somos capazes de tudo, basta acreditarmos. – E seguiu por um caminho fácil, devagar, de modo a que Brama o pudesse acompanhar.

Passaram o dia juntos. Caminharam por toda a Tapada. Percorreram o mundo de Enki que agora também era de Brama. Sentiram a felicidade de ser amigos.

Ao fim do dia Brama teve novamente que partir. Abraçou-se a Enki, que abanava velozmente a cauda.

- Obrigado amigo. Volto amanhã – despediu-se Brama.

- Amiga. – disse simplesmente o pequeno gamo, com um brilho no olhar.

- És uma menina? – Perguntou Brama incrédulo. E abraçou-a ainda com mais força.

E assim foram passando os dias. Brama voltava de manhã, passava o dia com Enki, e partia quando o sol partia. Foi aprendendo como era a vida na Tapada, e como viviam os gamos, em conjunto com outros animais. Aprendeu a chamar Enki quando chegava à Tapada com uma perfeição tão grande, que se confundia com os gamos.

Certa manhã, sentados no Sonível a ver a vida, Enki disse:

- Espero por ti todas as noites e desejo que seja dia para estar contigo. És o único brama que eu ouço. Tu és o meu Brama.

Brama e Enki tornaram-se cada vez mais inseparáveis e, um dia, Brama percebeu que desde que se haviam conhecido, Enki não passava o dia com os da sua comunidade. Enquanto caminhavam debaixo da ondulação das árvores do bosque, Brama pediu a Enki para conhecer os seus pais. Enki disse-lhe ser impossível.

- Porquê? Também não tens pais, como eu? – perguntou-lhe Brama.

- Tenho só mãe, mas ela já está velha e ganhou o medo aos homens. E o meu pai ... partiu. – respondeu Enki.

- Partiu? Partiu como? – Brama não percebia como o pai de Enki podia ter partido.

Enki explicou:

- Foi o homem da torre que cospe bolas de fogo que levou o meu pai. – Enki falava deste assunto com uma leveza surpreendente. Parecia não a incomodar.

- E não ficaste triste? – perguntou-lhe Brama.

- A princípio fiquei. Depois a minha mãe explicou-me, era para nós sobrevivermos. – Sentou-se como sempre fazia quando o assunto era sério e começava a ensinar algo a Brama. - Aqui na Tapada não existem predadores nem perigos como nas terras onde vivem os outros gamos. Somos protegidos, estamos guardados e portanto a nossa comunidade vai crescendo, chegando a um ponto em que não temos espaço nem alimentação suficiente para todos. Então, o homem sobe à torre, e cospe bolas de fogo que adormecem os gamos mais velhos e doentes, e depois leva-os.

- E isso aconteceu ao teu pai. Tens saudades dele?

- Às vezes tenho, mas falo com ele sempre que isso acontece. – Enki tinha um ar tranquilo.

- Falas com ele como? Eu não consigo falar com os meus pais. - Brama estava triste.

- Falo com ele junto ao ribeiro, e ele responde-me no barulho das águas a bater nas pedras. Foi a minha mãe que me ensinou. O meu avô responde-lhe no som do vento a passar nos galhos da árvore grande.

Nesse momento uma nuvem negra descarregou a sua água sobre o bosque e Brama ouviu as primeiras gotas de chuva a cair sobre as folhas. Olhou-as com atenção e ouviu uma voz – Ouve os ensinamentos de Enki, meu filho, porque com ela aprenderás.

Certo dia, já Inverno, Brama chegou à Tapada e chamou Enki. Bramou, bramou e nada. Estranhou. Dirigiu-se à grande árvore e quando lá chegou Enki estava deitada, aninhada junto das grandes raízes. Brama correu para Enki.

- Que tens? Porque estás aí? Anda, vamos passear. – e puxava a perna de Enki.

- Não posso. Estou doente. Talvez uma vagem que comi. – Os olhos de Enki haviam perdido o brilho habitual.

Brama deitou-se junto de Enki que tremia de frio. Estava a perder a energia de vida. A chuva martirizava-a.

Então, Brama tirou o seu manto castanho para tapar Enki

- Não tires o teu manto. Também tu ficarás doente – disse Enki.

Brama não queria o manto que tanta falta fazia a Enki, mas não conseguiu disfarçar o frio cortante que se apoderou do seu corpo, sabendo ele que a amiga se iria sacrificar por ele. – Só tenho frio no pescoço, já passa. – disfarçou.

Enki olhou-o com um sorriso, retirou uma tira do manto castanho e com ela fez um lenço que colocou à volta do pescoço de Brama. – Assim ficarás melhor.

O frio, o vento, a chuva, todas as forças más da natureza se acentuaram e Brama abraçou-se com força a Enki. Não queria que também ela partisse. E juntos, debaixo do lugar onde se conheceram, adormeceram em paz.

Brama acordou com os raios dum sol que havia afastado as nuvens e o frio. Enki não estava. Saltou com um grito – Enki. Não teve resposta. Correu, saltou sobre pedras, pulou troncos caídos, contornou arbustos de tojo, num elegante bailado, mas não encontrou Enki.

Brama passou a mão no seu lenço castanho e percebeu que uma risca vermelha tinha surgido. Era o amor que Enki deixava para ele.

Enki partiu e, a partir desse dia, também Brama nunca mais foi visto.

Mas ainda hoje, quem esteja na Tapada em manhãs de nevoeiro, se escutar com muita atenção, consegue ouvir Brama a chamar por Enki.

